

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o folhado textual da crônica jornalística, pesquisando os operadores que agem na produção de sentido, sobretudo os aspectos enunciativos, como as vozes presentes na situação discursiva e os contextos em que se dão tais relações. Este estudo investiga a importância da palavra que desperta a paixão pelo texto, que leva a uma reflexão crítica sobre o seu tempo e sua história. Para tanto, é fundamental apontar a crônica como um gênero que tem seu espaço tanto no domínio jornalístico quanto no domínio da literatura, seja pela palavra que leva a reflexão, seja pela palavra que seduz.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Gênero. Texto.

ABSTRACT: This article aims at analyzing the rolling text of journalistic chronicle, researching the operators acting in the production of meaning, mainly aspects of enunciation, such as the voices in the present situation and the discursive contexts in which such relationship occurs. This study investigates the importance of the word that arouses passion for the text, which leads to a critical reflection upon their time and history. Therefore, it is important to point out the chronicle as a genre that has its place both in the journalistic field and the field of literature; either by the word that leads to reflection or by the word that seduces.

KEYWORDS: Chronic. Genre. Text.

A crônica – mote fundamental desse trabalho – deve ser analisada como gênero que habita o espaço do domínio jornalístico, atravessando, entretanto, trilhas que levam ao domínio da literatura, ancorada, por vezes, numa ótica da narração; por outras, sob um olhar argumentativo.

Tem sido aceita como uso corrente a máxima de que um jornal nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. De fato, a notícia, se considerada em seus múltiplos veículos, pode caducar em bem menos tempo que isso. A inserção de outro olhar para essa notícia, analisando seus aspectos subjetivos, acrescidos de reflexões sobre tal tema,

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Língua Portuguesa (UERJ).

pode representar um traço atemporal para a mensagem veiculada, que o viés da literatura costuma trazer. Trata-se, aqui, de uma mistura de domínios discursivos, que tem sido discutida há algum tempo: jornalismo e literatura.

O objeto que representa tal hibridismo é exatamente a crônica jornalística. Segundo José Marques de Melo (2002: 139), “*a crônica é um gênero do jornalismo contemporâneo, cujas raízes localizam-se na história e na literatura, constituindo suas primeiras expressões escritas*”. Como conta Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil* (1999), na consolidação republicana, literatura e imprensa se confundiam. Contemporaneamente, se no corpo de um jornal, o objeto principal se resguarda na clareza da notícia, sob um caráter informativo, é a crônica o lugar de uma dimensão poética, e ao mesmo tempo opinativa, permeada de reflexões que podem levar o leitor a outro patamar de leitura, ao prazer estético. E é a palavra o instrumento dessa criação. Reside, aqui, portanto, o mote deste artigo: reconhecer no trabalho com a palavra, não só aquela que informa, mas, sobretudo, a que encanta, um papel fundamental da língua: levar o outro a reconhecer-se no mundo, identificar-se como agente de uma sociedade, uma vez que, como afirma o catedrático espanhol Manuel Ángel Vazquez Medel (2002), “*jornalismo e literatura constituem âmbitos privilegiados para refletir sobre a implicação entre ciências sociais e humanas*”.

Aprofundando sua fala, o catedrático em comunicação e literatura afirma:

O jornalismo, como mediação com o mundo que sentimos cada vez mais próximo e mais nosso, deve atender ética e esteticamente aos requerimentos de uma nova humanidade em flor; a criação literária, enquanto indagadora dos desejos e temores, das ilusões e esperanças dos seres humanos, há de nos seguir recordando que formamos parte de uma única e mesma humanidade, na qual sobrepondo-se circunstâncias de tempo e lugar, todos compartimos essa raiz do essencial humano. (Medel, 2002:24-25).

Desse modo, se uma crônica jornalística pensa o existir no mundo, trata das idiosincrasias do homem, estaríamos, de fato, diante de um texto com o traço literário. Assim, o cronista não nos proporciona uma paisagem objetiva da cena, mas uma imagem com traços subjetivos, filtrados por sua visão crítica dos fatos, imprimindo-lhes tintas próprias, constituindo, então, um matiz, sobretudo, singular.

Há quem discorde do valor literário da crônica, como o crítico Antônio Cândido (1992: 13), que a considera um “*gênero literário menor*”. E justifica sua tese argumentando que “*não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhes dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas*”. Não se pretende, aqui, discutir tal questão. A bem da verdade, busca-se a análise do texto como motivador de reflexão, como objeto estético, e isso a crônica traz.

Retomando a fala de Melo (2002), na qual a crônica é tomada como um gênero do jornalismo contemporâneo, que tem suas raízes na história e na literatura, vale atentar para o fato de serem os primeiros textos históricos relatos de acontecimentos. Esses textos visavam, sobretudo, ao resgate de episódios ilustrativos da vida social de uma época para a posteridade, a fim de que não se apagassem tais marcas com o tempo. Eram as crônicas históricas.

Já a crônica literária, como visto, constitui-se, a princípio, como a observação privilegiada de espectadores sobre determinadas paisagens e épocas, sobre pessoas e seus feitos. Essas duas primeiras vertentes abarcam uma ideia: o texto era desenvolvido através de uma ótica particular, ainda que pretendesse ser um relato de acontecimentos, o era sob a visão subjetiva do cronista. Talvez, por isso, a passagem da crônica para o jornalismo não tenha sido traumática, dado o caráter subjetivo que ambos passaram a engendrar. Esse gênero, a priori, era desenvolvido por escritores que detinham colunas na imprensa diária para o relato de acontecimentos pessoais.

A respeito da crônica jornalística, Martin Vivaldi (1973, *apud* Melo: 2002, 141) atesta:

O característico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal. Não é a câmara fotográfica que reproduz uma paisagem; é o pincel do pintor que interpreta a natureza, imprimindo-lhe um evidente matiz subjetivo.

É interessante notar que tal visão da crônica jornalística assegura uma visão do jornalismo hispano-americano, que difere da visão luso-brasileira. A primeira aponta

para uma ótica – ainda que pessoal – informativa, enquanto a visão luso-brasileira se caracteriza por um traço mais opinativo.

De fato, o espaço da crônica no jornalismo brasileiro é a seção dos textos de opinião e se assemelha, sem dúvida, a artigos de opinião e ensaios. Tem-se aqui, então, uma mudança no foco textual: a crônica, como gênero, no domínio discursivo literário, estava ligada a um modo de organização narrativo, identificado com relato cronológico de episódios, com as marcas intrínsecas da narração; no domínio discursivo jornalístico, a crônica subverte suas propriedades e passa a adotar, também, um modo de organização textual predominantemente argumentativo, com marcas de subjetividade próprias da argumentação. Corroborar tal ideia a fala de Melo (2002: 147): “A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real”.

Segundo Ferreira (2007), é essa transição de uma linguagem jornalística para a literária que confere à crônica a capacidade de ser analisada sob a ótica da referencialidade e da poeticidade. Sobre essa ambiguidade da crônica, atesta a autora:

Quando a perspectiva do produtor instaura uma forma / modo de dizer dissertativa², a crônica é, muitas vezes, confundida com o ensaio ou tomada como tal. Presumidamente, seria também referencial. Quando se constitui de uma estrutura narrativa, é associada ao conto. Tornar-se-ia, então, poética. (Ferreira: 2007, 382).

Quanto ao traço de poeticidade, o pesquisador Antônio Dimas (1974: 50) explica: “E no que se refere ao jornal, o bom cronista não isola, lado a lado, o fato e sua interpretação pessoal. Antes, mescla-o, solda-os numa tessitura tensa, que poderá atingir a categoria de ficção pura (Rubem Braga, por exemplo), na qual o fato deflagrador da criação foi engolido na voragem verbal”.

Fica claro, portanto, que o contrato de comunicação estabelecido pela crônica jornalística se amplia e permite nuances tanto de traços narrativos quanto de marcas

² A autora, seguindo uma nomenclatura proposta por Travaglia, adota a expressão “forma dissertativa”. Por entender que uma dissertação se apresenta mais adequadamente como um gênero, prefiro, conforme a nomenclatura adotada neste trabalho, a estrutura “forma argumentativa”, seguindo, portanto a visão de Oliveira (2004) e Charaudeau (2008).

argumentativas. O leitor já tem internalizado esse código que confere à crônica jornalística tal peculiaridade de hibridismo. Inclusive, como produto cultural, tomando como exemplo o Jornal O Globo, há na seção “Segundo Caderno” um espaço destinado a esse gênero, no qual a cada dia da semana um cronista escreve, com suas temáticas específicas, com marcas composicionais próprias, enfim com seus estilos individuais, criando no leitor uma cumplicidade tácita: espera-se tal dia para ler determinado autor, firmando um contrato de comunicação entre o sujeito enunciador, leitor, e o texto publicado.

Dessa forma, o cronista, sob esse contrato, empresta ao texto marcas de uma subjetividade que pode caminhar pelo lirismo das situações cotidianas às nuances com tons de cunho social. Ainda sob esse novo contrato da crônica jornalística, Nuno Rocha (*apud* Melo: 2002, 151) afirma:

A crônica não pode ser vazia, não pode ser sem destino, tem de ter destino, com indicação expressa das pessoas a quem se dirige, e contendo para elas algumas soluções. O cronista deve registrar também o mundo em que ele vive e a vida que ele vive.

Algumas vezes não é o fato em si o objeto da crônica, mas sua forma de expressão que prevalece, a palavra que encanta subverte a palavra que informa; ou, de outro modo, a expressividade da linguagem está centrada tanto na opinião do cronista sobre fato qualquer do cotidiano – muitas vezes presente no noticiário do corpo do jornal – quanto na forma como está sendo construído o texto. Estão em jogo, aqui, nessa cena discursiva, o eu enunciador, que fala na crônica, a natureza do eu comunicante, autor do texto, seu estilo, sua idiossincrasia, o tu coenunciador, que interage com o texto, ressignificando os signos apresentados na crônica, através do depósito de sua carga pessoal, histórico-afetiva, além daquela empregada pelo próprio enunciador.

Dessa maneira, a crônica jornalística tanto pode ser um objeto de prazer, impregnada que está de traços de lirismo e criatividade – vestígios de uma literariedade – como levar o leitor a interpretar melhor o mundo que o cerca através da expressividade do texto e da relevância do tema empregado. Jornalismo e literatura

estabelecem, assim, um espaço comum, através desse gênero textual, em que a informação e o deleite são faces da mesma palavra, aquela que seduz.

À guisa de ilustração, transcrevo aqui uma crônica jornalística de Joaquim Ferreira dos Santos, publicada em sua seleção de crônicas, “O que as mulheres procuram na bolsa”:

MEU PÉ DE MILHO MURCHOU

Aprendi com Rubem Braga. Numa semana de dezembro de 1945, os americanos entraram em contato com a lua através do radar, o que na época era emocionante. Rubem anunciou a feito na primeira linha da crônica para logo na segunda colocá-lo em seu devido lugar: "Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho".

Era o que eu queria dizer. Os americanos conquistaram Bagdá. Mas o mais importante acontecimento desses primeiros dias de abril de 2003 foi o que aconteceu com o meu pé de milho. Literalmente.

Estou me desfazendo da casa em que passei toda a minha adolescência, ao redor de Madureira, e onde ainda hoje existe, por uma coincidência que só o meu fervor cívico por Braga explicaria, uma plantação de milho. Casa e milharal foram vendidos a preço de banana. Tudo pela impossibilidade de conviver com balas perdidas que desabam nos quartos, ameaça de invasão e outras pragas que vicejam na horta das famílias cariocas. Meu pé de milho murchou. Não dá mais para cultivar platitudes ingênuas no subúrbio do Rio. Adeus Zaquia Jorge, Calixto do Prato, Aniceto da Serrinha, patuás do Mercadão e outras delícias de lá. Fui.

Era uma casa muito engraçada, com todos os adereços de uma boa casa suburbana, a começar pelo São Jorge em azulejo na fachada e o quintal quilométrico que servia de base para o lançamento de pipa e balão japonês. Não mais. Não faz muito tempo meus pais colocavam cadeiras na calçada e ao final do dia dedicavam-se a conversas como as dos amigos de Rubem Braga na tal crônica: o pé que nascia era de milho mesmo ou era um pé de cana? Não há mais clima para especular amenidades nem curtir nostalgias de ai como era bom. Tinha sempre jogo de bola, tinha forró, pique esconde, tripeiro e, no Carnaval, de cada portão tinha sempre alguém saindo fantasiado em verde e branco para desfilar na Império Serrano. Tinha. Alegres passadismos suburbanos. Todos mortos. Chama o corretor e vamos fazer a mudança rápido. O que tem agora é muito medo. Madureira chorou.

Vinicius de Moraes, diplomata chique, passava de trem pelo subúrbio, via aquelas casas em que estava escrito que era um lar e se dizia, na célebre "Gente humilde" com Chico e Garoto, com vontade de chorar. Nunca entendi a tristeza do poeta. O subúrbio dava vontade de cantar. Vinicius, no entanto, agora ficou atualíssimo. Se o bicho pega na porta do Méridien, imagina no sopé do morro do Caracol?! A calçada dos meus pais virou apenas um corredor em que a todo momento tem alguém correndo na frente ou atrás de uma bala perdida. Desculpem. Não dá mais para ser Rubem Braga e nas noites de lua olhar o pé de milho achando que ele "parece

um cavalo empinado, as crinas ao vento". Não há mais alubrimento poético por trás dos vultos de um quintal suburbano. É assalto mesmo.

Há muito tempo já não moro naquela casa que ora se vende ao arrepio da primeira oferta, mas outras pessoas da família e mais centenas de fantasmas de entes queridos, memórias felizes e planos de que aquilo seria o quintal onde trotariam, por entre árvores fabulosas, toureando formigas com cabeça de fogo, crianças de várias gerações. Elas vão perdoar, mas é como essas fotos das famílias fugindo de Bagdá – vendeu-se por sobrevivência. Preservação da espécie. Certamente continua por lá, nesta casa da minha adolescência, uma menininha jogando flores pela varanda, como viu anos atrás uma médium nossa vizinha, num prenúncio de que teríamos uma existência em paz sob aquele teto. Ela viu certo. Foi ótimo enquanto durou e a ideia era que durasse para sempre. Mas não deu. O medo venceu o medo. A casa tem novo dono.

Foram exatos quarenta anos desde a construção, por meu pai até este momento em que o noticiário policial sai das páginas e bate no portão dizendo chegou a sua vez, mermão, passe a chave do casarão. Hora de sair de mansinho e, depois de ver o jornal da manhã, agradecer pela sorte – o que deposito desde já na conta dos bons fluidos da menininha com as flores. Há famílias que estão perdendo o filho, como a da adolescente no metrô da Tijuca. Outras perdem o pai, como a do professor de Laranjeiras. A violência no Rio é democrática e tem para todos. Aguarde na fila. Questão de tempo, já disseram. Ela apresenta-se de muitas maneiras, nem sempre com o barulho clássico do horror de um tiro. Em alguns casos e apenas essa porta que bate e interrompe, passado e futuro, a felicidade suburbana que foi e que poderia ter sido. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. In *O que as mulheres procuram na bolsa: crônicas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

A crônica retrata o cenário em que se transformou o Rio de Janeiro, imerso num mundo de violência. De forma bastante lírica, o cronista opõe passado e presente, deixando claro que não há escolhas – “o medo venceu o medo”. O que chama a atenção nesta crônica de Joaquim Ferreira dos Santos é exatamente este traço de subjetividade, o eu presente na arquitetura do texto, o registro do mundo em que o autor-narrador vive, a marca do registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata o fato, para usar uma expressão de Jorge de Sá (1985), e ao mesmo tempo o traço poético do olhar do cronista. É o que Melo (2002) chama de “relato poético do real”. Aqui o reside o hibridismo da crônica.

Em entrevista ao jornalista Paulo Lima para o web jornal Balaio de Notícias, Santos assim descreveu a relação dessa crônica com o peso incisivo da realidade presente:

O baixo astral do Rio no momento, com violência e maus governantes por todos os lados, pode dar crônica. Mas sem pesar a mão. Sem transformar a dor num artigo, num manifesto. Eu nasci e fui criado no subúrbio do Rio. Três anos atrás precisei vender a casa onde fui criado, no bairro de Vaz Lobo, e onde ainda morava minha irmã, porque a violência por ali ficou insustentável. Era bala perdida todo dia, traficante passando pelo quintal. Juntei a memória da casa, coisas da minha infância, com a realidade de agora.

Desse modo, o cronista faz um recorte de um fato cotidiano conferindo a tal fato um tratamento subjetivo, de certa forma humanizando aquela situação, uma vez que particulariza a cena através de seus dados pessoais. Entretanto, e aqui se insere a verve literária, ao particularizar, universaliza a cena projetada, uma vez que o leitor se vê refletido ali, com maior ou menor intensidade. Como já dito, a crônica envolve uma cumplicidade tácita entre autor e leitor; este, coenunciador do texto, deposita ali também suas experiências, ressignificando mensagens, transformando a crônica em um todo sígnico. Intencionalidade, situacionalidade e aceitabilidade – fatores da textualidade – agem de forma a produzir esse sentido pleno da malha textual. Sobre essa relação entre cronista e leitor, Simone Ferreira (2007: 387) atesta:

Sendo esses episódios acontecimentos do cotidiano, o leitor irá se sentir na roda de amigos do cronista ou sentado à mesa com a família dele. É que outro fator de familiaridade entre o autor e os leitores se estabelece quando ao longo de sua obra o cronista vai revelando sua intimidade, reconstituindo os episódios singulares de sua vida e apresentando pouco a pouco seu universo ao leitor.

É o que fazem cronistas como Joaquim Ferreira dos Santos. Nesta crônica, em particular, Santos se expõe, apresentando um traço confessional de seu passado, ao mesmo tempo levando o leitor a refletir sobre o seu próprio espaço real. Assim, sob a ótica híbrida da composição textual da crônica, percebem-se os traços de um modo argumentativo da construção do texto, por sua postura opinativa, e ainda os traços de um modo narrativo, por sua postura de relato, com uma tessitura poética, por conta do tom empregado no texto.

Esse tom é revelado logo no começo da crônica: a alusão a Rubem Braga, considerado por Joaquim, e por muitos, o maior de todos os cronistas, aponta que o fato histórico do contato do homem com a lua, por meio de radar, está em segundo plano

diante do crescimento de um pé de milho. É a valorização da beleza das pequenas coisas, o prosaico como acontecimento, arquitetura típica de Rubem Braga, encontrada em várias de suas crônicas, como “A outra noite”, ou “Os jornais”. No entanto, Santos subverte esse tom ameno diante da realidade que bate e interrompe passado e futuro: seu pé de milho murchou. Em outro nível de leitura, perdido está, também, seu passado, com todas as projeções para o futuro. Restam as lembranças daquilo que poderia ter sido e não foi, como fecha o texto o cronista.

A intertextualidade com a crônica de Rubem Braga se transpõe quase que integralmente: diante de um fato histórico, a prioridade é o acontecimento prosaico do indivíduo. Com um traço relevante, entretanto. O acontecimento histórico da Guerra do Iraque e a tomada de Bagdá pelos americanos são, metonimicamente, representados pela violência que assola os subúrbios do Rio – foram comuns, nos jornais da época, manchetes do tipo “O Iraque é aqui”.

Dessa maneira, sob uma tez de nostalgia e passadismo, típicos da composição de Joaquim Ferreira dos Santos, a crônica expõe a fragilidade urbana, em que uma sociedade se vê submetida a todo espectro de violência. E, de forma poética, a menina Gabriela, morta num ato de violência no metrô da Tijuca, alinha-se às vítimas da Guerra do Iraque. A violência, no Rio, e no mundo, tem sido democrática.

Apesar de seu teor convidativo à reflexão, não há, na crônica, um caráter acadêmico, ensaístico (na visão que esse gênero traz, hoje); da mesma forma, a sua tessitura poética não engendra uma estrutura tal que lhe empreste características de um conto, como um aprofundamento da natureza de personagens. Não vou pormenorizar a tipificação da crônica com suas distinções entre o ensaio ou o artigo e, ainda, o conto, contudo, vale-se colocar em relevo algumas dessas distinções como forma de salientar a crônica enquanto gênero textual.

Dessa forma, a crônica, sobretudo a que se coloca em foco, aqui, a jornalística, traz essa marca discursiva dual: a palavra que encanta, pelo jogo de ironias, pelas intertextualidades (o diálogo com Vinicius de Moraes em “*Era uma casa muito engraçada*”, por exemplo), representa traços de um olhar literário. A palavra que informa, que leva à reflexão, revela traços da visão opinativa do autor. Tudo sob a

marca da subjetividade, autor e narrador se confundem no espaço da crônica jornalística. Resume, então, Simone Ferreira (2007: 388):

A linguagem é utilizada pelo prazer, mesmo que para fazer pensar, analisar, refletir. Ou seja, tanto nos textos temáticos quanto figurativos, a crônica, até nossos dias, mantém a sua função original de entretenimento, sem deixar de apelar para o cognitivo.

Não vale, aqui, esmiuçar os subgêneros de uma crônica, como os expostos por Candido (1992) – expositiva, informativa ou lírica, por exemplo. Antes, o se quer é reconhecer neste gênero sua importância enquanto um todo sógnico, com uma função social de grande importância, seja pelo seu teor cognitivo, seja pelo traço de entretenimento. Discordando da posição de Antonio Candido, para quem a crônica guarda um ar de ingenuidade, apresentando-a como uma “composição aparentemente solta”, com “ar de coisa sem necessidade”, que “se ajusta à sensibilidade de cada dia” (1992, 13), penso que a crônica pode trazer o traço catártico, característico do texto literário, bem como levar o leitor a um processo de reflexão mais profundo que as páginas jornalísticas possam supor.

É certo que o suporte midiático é o jornal, efêmero em sua essência, entretanto não se mede um teor de importância por isso, como afirma Coutinho (2003: 135): “*é enganoso supor que o livro é que dá qualificação definitiva a qualquer escrito. E a crônica. que não haja pago excessivo tributo à frivolidade ou não seja uma simples reportagem, estará sempre a salvo, como obra de pensamento ou de arte, embora não saia nunca das folhas de um periódico*”.

Vale colocar em relevo nessa crônica o seu grau de poeticidade. A marca literária da crônica é explicada por Arrigucci Jr.(1987: 53):

Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história.

Essa fala de Arrigucci Jr. é a explicação verbal de uma imagem que o enunciador constrói ao se referir à felicidade suburbana que se perdeu. Vale, portanto, o registro de Afrânio Coutinho (2003: 123): “*Tão característica é a intimidade do gênero com seu veículo natural que muitos críticos se recusam a ver na crônica, a despeito da voga de que desfruta, algo durável e permanente, considerando-a uma arte menor*”. Considero, por sua elaboração, por sua força psicológica, essa crônica de Joaquim um texto com um traço universal, característica tão cara à literatura.

Arrigucci Jr. (1987: 53), de forma também poética, conclui, definitivo:

Então, a uma só vez, ela (a crônica) parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado.

De qualquer forma, é importante perceber como a crônica se funda sob uma perspectiva argumentativa, plena de um olhar subjetivo sobre o próprio fazer textual – da crônica ou da notícia.

Sobre tal procedimento, Coutinho (2003: 134) afirma:

A crônica que não seja meramente noticiosa, é uma reportagem disfarçada ou antes uma reportagem subjetiva e às vezes mesmo lírica, na qual o fato é visto por um prisma transfigurador. Em consequência, o fato que é para o repórter em geral um fim, para o cronista é um pretexto. Pretexto para divagações, comentários, reflexões do pequeno filósofo que nele exista.

O espaço da crônica, ainda que efêmero, por seu suporte midiático, absorve outro tempo, o tempo do cronista. Bulhões (2007: 50) atesta, com propriedade: “*Trata-se, portanto, de um gênero que fixa o tempo em que é realizado e ao qual se refere. O tempo da crônica não deixa de ser, pois, o do próprio cronista*”.

A crônica jornalística, em especial a de Joaquim Ferreira dos Santos – então publicada às segundas-feiras no Segundo Caderno, de O Globo – guarda uma cumplicidade com seu leitor. Os laços de interação estão estabelecidos, seja pela arquitetura do gênero, seja pelas idiosincrasias do seu autor. É importante notar que a

noção de gênero permanece, ainda que sigam tipos diferentes: pode-se adotar um modo narrativo ou argumentativo, o leitor reconhecerá ali uma crônica. Exatamente porque esse gênero tem intrínseco esse traço híbrido.

Aprofundando essa ideia, vale destacar a visão de Afrânio Coutinho quando analisa a crônica como tendo naturezas distintas: uma literária; outra, ensaística. Embora sob um domínio jornalístico, em sua natureza literária, a crônica, opondo-se a outros gêneros, como o artigo e o editorial, tem no fato um meio de expressão, um pretexto usado pelo artista para expor sua visão íntima do mundo e dos homens. Coutinho (2003: 136) completa: “*O cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se. Para isso, utiliza-se literariamente desse meio vivo, insinuante, ágil que é a crônica*”.

O próprio Joaquim Ferreira dos Santos, em um texto que trata de uma coletânea de crônicas publicada em 2010, chamado “Seleção de cronistas”, corrobora essa visão. Ao falar de Artur Xexéo, seu colega de redação no jornal, assim analisa o papel do cronista:

Xexéo é cronista típico, corre pela lateral do gramado. Se ele for ao Arco do Triunfo, vai desconhecer que Napoleão passou ali. Escolherá como tema da visita o pipoqueiro que alimentava os pombos e namorados no canto da praça. Na França, enquanto os jornalistas esportivos queriam saber o que houve no quarto onde o Ronaldo teve a convulsão, Xexéo se preocupava em perfilar, com riquezas de detalhes irrisórios que caracteriza um cronista, a camareira marroquina, uma napoleã autoritária do hotel em que ficou. (O Globo, 14/06/2010).

Em outro momento, Santos atesta, irônico: “*Como é da estirpe dos cronistas, uma classe que tem como princípio não se levar a sério, porque aí não sairia uma crônica, mas um artigo*”.

Em sua natureza ensaística, como afirma Coutinho, a crônica apresenta o viés familiar, informal, empregando uma linguagem que traz o leitor para dentro da sala. Vale lembrar que a noção de ensaio a que se refere Coutinho se aproxima da visão inglesa para este gênero, que muito se distancia do traço sóbrio, quase acadêmico com que os analistas brasileiros veem, hoje, o ensaio.

Tal viés familiar se apresenta na crônica de Santos quando as imagens do passado são colocadas em cena; de certa forma, o cronista convida o leitor a compartilhar de suas lembranças, e também ele, o leitor, passeia pelas ruas dos subúrbios cariocas. O diálogo com Rubem Braga serve de pretexto para as reflexões do cronista, o eu exposto ali, seduzindo, com a palavra e por meio dela, seus leitores, cúmplices nessa interação. Joaquim encerra aquela crônica citada, acerca da “seleção de cronistas”, de forma a resumir essa ideia: *“Tudo na certeza, bem dos cronistas, de que o importante não é o prato, mas a maneira como ele é servido”*.

Sobre o traço de familiaridade da crônica, Ferreira (2007: 387) aponta:

Sendo esses episódios acontecimentos do cotidiano, o leitor irá se sentir na roda de amigos do cronista ou sentado à mesa com a família dele. É que outro fator de familiaridade entre o autor e os leitores se estabelece quando ao longo de sua obra o cronista vai revelando sua intimidade, reconstituindo os episódios singulares de sua vida e apresentando pouco a pouco seu universo ao leitor.

Dessa forma, a crônica, organizada sob um modo narrativo ou argumentativo será sempre caracterizada pelo grau da informalidade, empregando uma linguagem que, mesmo levando a uma reflexão sobre o tema posto, é empregada pelo prazer. Resulta daí o mote deste artigo: a palavra que informa, que faz pensar, é a mesma que encanta. A crônica, então, representa um gênero híbrido e ocupa tal espaço no jornal, como afirma Bulhões (2007: 48), *“funcionando como recanto destinado a arejar o peso da folha diária, tão carregada de preocupações e tensões da vida contingente”*.

Por fim, adotando uma nomenclatura de Orlandi (2006: 239), pode-se dizer que a crônica emprega, também, um discurso lúdico, em que a interação com o leitor é sempre um diálogo aberto. Em sua tipificação dos discursos, a autora distingue, entre outros, o discurso lúdico como aquele *“que está no limiar da concepção de linguagem como dialogia”*. Para ela, esse tipo de discurso se encaminha para dois segmentos: o fático e o poético. No primeiro, tem-se uma inversão de papéis, estabelece-se um bate-papo entre interlocutores; no segundo, o que importa é a linguagem que busca o prazer, o prazer de dizer.

Outro traço que marca esse discurso lúdico é seu teor polissêmico; se um discurso autoritário tende à monossemia, o discurso lúdico, até mesmo pelo seu viés poético, sustenta a marca da polissemia. Esse traço, inclusive, costuma caracterizar a crônica como um gênero de cunho literário.

Assim, por seus traços, que se aproximam ora de artigos e ensaios, ora de contos, a crônica estabelece-se como um gênero híbrido, popular, com cores nacionais, empregando um discurso lúdico, em que a linguagem de entretenimento caminha ao lado do processo de reflexão, pelo prazer, pela dialogia. Eis a função social da crônica: trazer para a sala de visitas o leitor, que se insere no universo do cronista como quem gosta de ouvir aquelas histórias ou divagações, espelhando a si próprio naquele universo, revivendo personagens, se a crônica abarca uma natureza literária; refletindo seu próprio viver, se a crônica segue uma trilha ensaística.

REFERÊNCIAS

- ARNT, Héris. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2001.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Fragmentos sobre a crônica*. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: CANDIDO, Antonio (et al). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COUTINHO, Afrânio. *Ensaio e crônica*. In: _____. *A literatura no Brasil*, v.6. São Paulo: Global, 2003.
- DIMAS, Antônio. *A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?* In: *Revista Littera*. nº 12, Rio de Janeiro, 1974.
- FERREIRA, Simone C. Salviano. *Afinal, o que é crônica*. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. FINOTTI, Luisa H. Borges. MESQUITA, Elisete M. Carvalho de. (orgs.). *Gêneros de texto: caracterização e ensino*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2007.
- LIMA, Paulo. *Entrevista com Joaquim Ferreira dos Santos*. In: www.sergipe.com.br/balaiodenoticias, 21/11/2005.

- MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. **Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências**. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura – a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MELO, José Marques de. **A crônica**. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- _____. *Jornalismo opinativo*. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.
- OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. **Os gêneros da redação escolar e o compromisso com a variedade padrão da língua**. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília (orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas para o ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **O que as mulheres procuram na bolsa: crônicas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

*Recebido em: 10 de dezembro de 2015.
Aprovado em: 15 de abril de 2016.*